https://doi.org/10.20336/rbs.1109

Posições da francofonia e da anglofonia na Sociologia brasileira (1998-2021)

Positions of Francophony and Anglophony in Brazilian sociology (1998-2021)

Posiciones de la francofonía y la anglofonía en la Sociología brasileña (1998-2021)

Lidiane Soares Rodrigues[*]

RESUMO

Este artigo caracteriza as posições ocupadas pela França na sociologia brasileira em período recente, situando-a no leque dos países do "norte global" que disputam hegemonia simbólica no Brasil. Para tanto, trata da classificação e hierarquização das revistas estrangeiras, e, particularmente, as francesas, realizadas pelas comissões do "Qualis-Capes", principal dispositivo de hierarquização dos periódicos acadêmicos no Brasil e instrumento decisivo da avaliação das disciplinas, realizada pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Constata-se a preponderância local dos princípios de apreciação dos bens estrangeiros e se demonstra que a França permanece o destino estrangeiro preferencial dos/as brasileiros/as. Contudo, sua capacidade distintiva se encontra em queda contínua, pois a fração de sociólogos/as brasileiros/as catapultada à posição de elite dirigente da área orientou a internacionalização da carreira para o mundo anglófono, contra a França.[◊]

Palavras-chave: Sociologia Brasileira, França/Estados Unidos, circulação transnacional, Qualis-Capes, "dependência acadêmica".

[*] Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, SP, Brasil.
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFABC (PGCHS).
E-mail: lidiane.s@ufabc.edu.br.

[◊] Esse trabalho resulta do acordo Capes-Cofecub, coordenado por Frédéric Lebaron (École Normale Paris-Saclay) e Carlos Benedito Martins (Universidade de Brasília). Agradeço ao Capes-Cofecub pelo financiamento, e a meus coordenadores, pela discussão das linhas gerais desse artigo, assim como a Lucas Page (Paris-Saclay), Eduardo Dimitrov (UnB) e aos editores de revistas francesas e brasileiras que me concederam entrevistas a respeito de suas práticas editoriais.

ABSTRACT

This article characterizes the positions occupied by France in Brazilian sociology in recent times, situating it within the spectrum of countries of the "global north" that compete for symbolic hegemony in Brazil. To this end, it addresses the classification and hierarchization of foreign journals, and particularly French ones, carried out by the "Qualis-Capes" commissions, the main mechanism for hierarchizing academic journals in Brazil and a decisive instrument for evaluating disciplines, conducted by Capes (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel). The article observes the local preponderance of principles for evaluating foreign and demonstrates that France remains the preferred foreign destination for Brazilians. However, its distinctive capacity is declining continuously, as the fraction of Brazilian sociologists risen to the position of leading elite in the field has oriented the internationalization of their careers towards the Anglophone world instead of France.

Keywords: Brazilian Sociology, France/United States, transnational circulation, Qualis-Capes, "academic dependence".

RESUMEN

Este artículo caracteriza la posición de Francia en la sociología brasileña en los últimos tiempos, situándola dentro del grupo de países del "norte global" que disputan la hegemonía simbólica en Brasil. Para ello, aborda la clasificación y jerarquización de revistas extranjeras, en particular las francesas, llevada a cabo por las comisiones "Qualis-Capes", principal mecanismo de jerarquización de revistas académicas en Brasil y un instrumento decisivo para la evaluación de disciplinas, a cargo de la Capes (Coordinación para el Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior). Se observa la preponderancia nacional en los principios de apreciación de las obras extranjeras, y se demuestra que Francia sigue siendo el destino extranjero predilecto de los brasileños, a pesar de que su capacidad distintiva está en continuo declive, ya que la fracción de sociólogos brasileños que ascienden a la élite líder en el campo ha dirigido sus carreras internacionales hacia el mundo anglófono en lugar de Francia.

Palabras clave: Sociología brasileña, Francia/Estados Unidos, circulación transnacional, Qualis-Capes, "dependencia académica".

Introdução

Este artigo ambiciona caracterizar as posições ocupadas pela França na sociologia brasileira em período recente, situando-a no leque dos países do "norte global" que disputam hegemonia simbólica no Brasil. Há um duplo propósito nisso. Por um lado, propor uma alternativa à tendência majoritária dos estudos sobre os intercâmbios Brasil-França, a saber: a inclinação a períodos mais longínquos e o descolamento dessas trocas do espaço transnacional mais amplo. De tal modo, tudo se passa como se Brasil-França se atraíssem, alheiamente ao jogo competitivo dos países dominantes em disputa pela hegemonia simbólica dos polos dominados.

Quanto ao segundo propósito: se é óbvio que os países dominados no espaço econômico e político se inclinam à prática de importação de bens dos países dominantes também no plano simbólico, eles não o fazem passiva ou aleatoriamente, mas segundo princípios estruturantes de seu próprio mercado cultural interno. Demonstrá-lo, por meio de um caso empírico notável, permitirá interpelar a discussão sobre a "dependência acadêmica" (Alatas, 2003, 1993). Intenciona-se desarranjar os termos do apelo pela "autonomia acadêmica", ao demonstrar empiricamente que ela já é operacional no espaço "dependente".

Para tanto, o artigo se ocupa de duas práticas que se tornaram os dínamos mais vibrantes do campo acadêmico transnacional: a publicação de artigos científicos em língua estrangeira e o doutoramento com circulação transnacional. A fim de situar a especificidade de ambas no Brasil, é necessário, introdutoriamente, apresentar a centralização dos poderes discricionários nas comissões de pares da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão federal ligado ao Ministério da Educação e da Cultura (MEC), responsável pela avaliação dos "Programas de Pós-Graduação" (doravante, PPG).

O arranjo institucional mais importante da sociologia acadêmica brasileira é o PPG. Nele, "professores/as credenciados/as" têm "orientando/as", ou seja, estudantes matriculados/as em mestrado e doutorado, escrevendo dissertações e teses. A sede e as instalações dos PPGs encontram-se em centros de pesquisa autônomos ou em universidades (públicas e privadas). Nestas últimas, por meio das "pró-reitorias de pós-graduação" (PROPGs), os PPGs vinculam-se, administrativamente, à Capes, sem a qual os diplomas que emitem não teriam certificação. Nos cursos de graduação das universidades encontra-se a fonte

principal, mas não exclusiva, de recrutamento de professores/as e estudantes dos PPGs. Os deveres – dos/as professores/as, para serem e se manterem "credenciados/as" nos PPGs, e dos/as estudantes (para obterem seus títulos) – têm variado ao longo do tempo, em função da regulamentação e das diretrizes de avaliação da Capes. Como a nota que obtiverem nela determina o montante do orçamento que receberão, os PPGs têm seu regramento continuamente ajustado às diretrizes cambiantes da Capes – não sem conflitos entre os que se adequam mais e menos facilmente a elas.

Os primeiros ciclos do modelo de avaliação atual, implementado em 1996, foram irregulares e opuseram uma miríade de áreas (Física, Matemática, Biologia, Química, Educação, dentre outras), assimetricamente representadas nas duas instâncias superiores da Capes, o Conselho Técnico Científico (CTC) e o Conselho Superior (CS). Crescentemente, elas foram concentrando poderes discricionários, outrora pulverizados em comissões soberanas que arbitravam a respeito de suas próprias disciplinas em "comissões de área". Em 1998, por exemplo, o CTC recusou os resultados da avaliação destas últimas, rebaixando a avaliação de 76% de PPGs que haviam recebido delas a nota máxima (Horta & Moraes, 2005, p. 98).

Nos primeiros ciclos da avaliação, os "programas" deveriam ser escalonados com notas de 1 a 5, considerando: sua proposta, seu corpo docente e sua produção intelectual. Em seguida, dentre os "5", selecionavam-se os "melhores", aos quais era atribuído 6 ou 7, o estatuto de "excelência" e um orçamento mais alto, sob a forma de bolsas de estudo no país e no exterior, financiamento de revistas, aquisição de bens infraestruturais e para realização de conferências, viagens e eventos (Feijó & Trindade, 2021).

Como distinguir, dentre os 5, os "melhores", isto é, os "6/7"? Nas instâncias superiores, as "ciências laboratoriais" argumentavam em favor do uso de índices de impacto, e, contra elas, a "Grande Área de Ciências Humanas", defendia o "nível", "inserção e o padrão internacional", para definição de "excelência" (Horta & Moraes, 2005, p. 106). Os termos "inserção" e "padrão" internacional vão pipocando de modo relativamente arbitrário, intercambiável, indefinido na documentação da época. E, ainda assim, foram adotados como critério: os "5" foram catapultados a "6/7", por apresentarem "nível/padrão/inserção internacional" (p. 101).

Ora, esta disputa foi apenas mais um episódio das batalhas típicas em que as disciplinas tentam impor suas regras e parâmetros umas às outras, com a finalidade de tornar sua *performance* a métrica geral, garantir bom

desempenho na avaliação e abocanhar a maior fração possível do montante orçamentário. Se é assim, só a análise dos resultados permite identificar fatores que efetivamente determinaram a diferenciação e hierarquização dos PPGs nestes primeiros ciclos de avaliação. E, ao fazê-lo, constatou-se ser a "divulgação internacional da produção intelectual, o indicador mais capaz de distinguir os programas" – independentemente da má *performance* didática dos mesmos (Horta & Moraes, 2005, p. 100). Eis como (e porque) os motores da competição acadêmica global foram incorporados pelos brasileiros, outrora tão pouco ambiciosos em se "submeter" e publicar.

Não surpreende o menosprezo pelas tarefas professorais em favor das atreladas à pesquisa, tampouco que a prática de publicação seja um atiçador tão eficaz dos agentes. Trata-se de um efeito imperceptível das reviravoltas organizacionais que a amnésia institucional naturalizou *pari passu* à rotinização de sua prática e ao conjunto de representações positivas e negativas delas. Sedimentou-se um acordo a respeito da publicação em língua estrangeira ser a realização máxima dos/as acadêmicos/as e, nos termos de Marilyn Strathern, esta ideia "implicou sua própria força de expansão" (Strathern, 1999, p. 20).

No período contemplado a seguir (2010-2021), a avaliação se encontra incorporada nas ambições dos sociólogos e nos princípios de apreciação recíproca, portanto, atuando a todo vapor. Inicialmente, apresenta-se o "Qualis-Capes", principal dispositivo de hierarquização dos periódicos acadêmicos no Brasil e instrumento decisivo da avaliação realizada. Em seguida, as posições que lograram ocupar os periódicos franceses, neste ranqueamento, de 2010 a 2021, face a outros estrangeiros. Finalmente, buscando o nexo entre esse escalonamento e as comissões que o produziram, apresenta-se o perfil de carreira dos membros dessas comissões, assim como a incidência disso e de seus interesses competitivos na jurisprudência da qualidade dos periódicos. Arremata-se a discussão, retomando o tópico da "dependência acadêmica" (Alatas, 2003, 1993).

O que é o "Qualis-Capes"?

Desde 1996, um/a professor/a dentre todos/as os/as "credenciados" nos "programas" de uma "área" é designado/a "coordenador/a de área" e se torna responsável pela condução da avaliação. Tal escolha ocorre por meio de

consulta coletiva aos coordenadores dos PPGs das disciplinas. Em seguida, o/a "coordenador/a" reúne outros pares em duas comissões: a "comissão de avaliação" e a "comissão Qualis".

A primeira discute os critérios de avaliação da *performance* dos PPGs e elabora uma "ficha" na qual apresenta os indicadores e seus pesos. A segunda é responsável exclusivamente por um quesito desta ficha: a "produção intelectual" dos/as "credenciados/as" aos PPGs. O "Qualis-Capes" consiste no instrumento manejado por ela para tanto e se baseia em um princípio simples e duplamente indireto. De um lado, a produção intelectual do "programa" é tanto melhor quanto melhores forem as publicações dos indivíduos que o compõem; de outro, tais publicações são tanto melhores quanto mais qualificado for o periódico em que vieram a lume. Assim, por exemplo, a "comissão de avaliação" estabelece a porcentagem da nota/ficha do PPG composta pelo desempenho no indicador "publicações". Porém, cabe à "comissão Qualis-Capes" hierarquizar os periódicos de tais publicações.

A comissão lista todos os periódicos nos quais os/as "credenciados/as" aos "PPGs" de sua área publicaram. De tal modo, a presença de um periódico na lista assinala que um/a "credenciado/a" da área publicou nele, e o número de títulos examinados corresponde à quantidade de revistas nas quais a "área" publicou no intervalo de tempo do ciclo de avaliação. Em seguida, a comissão hierarquiza os periódicos listados, segundo critérios de qualidade duplamente estabelecidos – de um lado, pelas diretrizes gerais da Capes para o periodismo, passíveis de redefinição a cada ciclo de avaliação, e, de outro, por suas próprias normativas de (des)classificação, (des)qualificação e hierarquização das revistas (subordinadas, obviamente, àquelas diretrizes). Então, mais ou menos na metade do ciclo da avaliação, comunica suas normativas aos pares, por meio do "documento de área". Ao término do ciclo, os procedimentos são descritos no "relatório de avaliação", publicado com as notas dos PPGs e o "Qualis-Capes", situando as revistas em estratos piramidais que vão da base (C) ao topo (A1). Nesse sentido, a "comissão Qualis-Capes" exerce arbitragem da nota dos PPGs, pois, na década em tela, a nenhum outro quesito foi atribuído tanto peso quanto às publicações.

O encadeamento é simples: tanto melhor o periódico, tanto melhor o artigo; e, como o quesito "publicações" é o de maior peso na nota, quanto mais artigos publicados em revistas A1, melhor será o desempenho e mais alto o orçamento. O estreitamento do vínculo entre *performance* em publicação

e montante econômico destinado às instituições, rota traçada por políticas científicas estadunidenses desde os anos 1950, esteve entre os efeitos mais notáveis deste modelo (Mattedi & Spiess, 2017, p. 625).

O nacional e o estrangeiro no Qualis-Capes da Sociologia

Propõe-se um exame do topo do Qualis-Capes, isto é, da categoria A1, na Sociologia, nos três ciclos de avaliação compreendidos entre 2010 e 2021, no que diz respeito à nacionalidade dos periódicos. A tabela 1 apresenta os números do conjunto.

Tabela 1. Distribuição dos periódicos avaliados pelas comissões Qualis-Capes da área de Sociologia (2010-2020), segundo os estratos de cada ciclo de avaliação

Qualis 10-12			**Qualis 13-16**			**Qualis 17-20**		
A1	**73/69**	**2,8%**	**A1**	**87/50**	**2,4%**	**A1**	**415/335**	**11,3%**
A2	**91/87**	**3,5%**	**A2**	**123/91**	**4,4%**	**A2**	**367/326**	**11%**
B1	180		B1	197		A3	358	
B2	233		B2	202		A4	393	
B3	220		B3	335		B1	391	
B4	350		B4	515		B2	339	
B5	586		B5	604		B3	304	
C	691		C	170		B4	268	
Total	2424		Total	2063		C	117	
						Total	2952	

Fonte: Elaboração própria, a partir das informações disponíveis em Capes (2022).

Nota: Convém explicar os dois números na primeira linha desta tabela: ao conferir título a título os periódicos, constatou-se repetições. Não sendo possível realizar esse procedimento com o total de periódicos listados a cada ciclo, manteve-se, nesta primeira aproximação, o número total de A1, indicando as repetições. De tal modo: há, por exemplo, 87 itens A1 no segundo ciclo, contudo, efetivamente, apenas 50 títulos diferentes uns dos outros e 37 repetições.

Nos dois primeiros ciclos, a categoria A1 não agrupou 3% do total de periódicos avaliados, já no terceiro ciclo, alcançou 11,3%. Na faixa A2, os dois primeiros ciclos não reúnem mais de 5% das avaliadas, já o terceiro

ciclo quase nivela a quantidade de A2 à de A1. Há um salto abrupto no terceiro ciclo, aumentando o número de revistas nas categorias superiores. Além disso, há ligeira alteração nas categorias: se nos dois primeiros ciclos, a categoria A se divide em 1 e 2, no terceiro, ela vai de 1 a 4.

A tabela 2 circunscreve-se à distribuição proporcional da categoria A1, entre periódicos nacionais e estrangeiros (linhas), a cada ciclo de avaliação (colunas).

Tabela 2. Distribuição das revistas brasileiras e estrangeiras na categoria A1, segundo as comissões Qualis-Capes da área de Sociologia (2010-2020)

A1 10-12	**A1 10-13**	**A1 17-20**
Brasileiras 14 (21%)	Brasileiras 18 (36%)	Brasileiras 143 (42%)
Estrangeiras 55 (79%)	Estrangeiras 32 (64%)	Estrangeiras 192 (58%)
Total **69** (100%)	Total **50** (100%)	Total **335** (100%)

Fonte: Elaboração própria, a partir das informações disponíveis em Capes (2022).

A tabela 3 segmenta as revistas estrangeiras A1 segundo suas línguas.

Tabela 3. Distribuição linguística das revistas estrangeiras A1, segundo as Comissões Qualis-Capes da área de Sociologia (2010-2020)

A1 10-12		**A1 13-16**		**A1 17-20**	
Inglês	43 (78,18%)	Inglês	24 (75%)	Inglês	148 (77%)
Francês	6 (10,9%)	Francês	4 (12,5%)	Francês	3 (1,56%)
Espanhol	2 (3,6%)	Espanhol	2 (6,25%)	Espanhol	36 (18,7%)
Português/PO	3 (5,4%)	Português/PO	2 (6,25%)	Português/PO	2 (1%)
Alemão	1 (1,81%)	Alemão	0	Alemão	2 (1%)
-	-	-	-	Multilíngue	**1** (0,05%)
Total	**55**(100%)	Total	**32** (100%)	**Total**	**192**

Fonte: Elaboração própria, a partir das informações disponíveis em Capes (2022).

A leitura da tabela 2 autoriza afirmar que há uma tendência, tímida de início (apenas 21% de 2.8% dos periódicos A1) e mais afirmativa ao final (43% de 11.3% dos periódicos A1%), à valorização dos brasileiros (incremento de 21% na faixa A1, indo de 21% a 42%). Aparentemente, a tendência se apresenta em desfavor das estrangeiras, que, caindo de 79% a 58%, são reduzidas em 21% no topo. Contudo, o aumento das brasileiras é mais bem apreciado na distância quantitativa em relação às estrangeiras a

cada ciclo (de 58% no primeiro, de 14% no segundo e de 16% no terceiro). Ou seja, no terceiro ciclo, ocorre um aumento tanto de estrangeiras quanto de nativas da categoria A1, se comparadas ao segundo; porém, a valorização das últimas em relação às primeiras, ocorre já na segunda rodada, se comparada à primeira. De todo modo, as brasileiras/nativas jamais são majoritárias.

Ainda que a indisponibilidade das informações inviabilize uma consideração seriada, vale mencionar que no "documento de área" de 2004 encontra-se, talvez pela primeira vez no histórico documental, menção ao Qualis-Capes. Naquela ocasião, foram avaliados 871 periódicos, e, destes, foram considerados A1: 37 (4.24%) estrangeiros e 87 nacionais (9.98%) (Capes, 2004, p. 3). Portanto, inicialmente, a balança pendia favoravelmente às nacionais e não às estrangeiras e, reduzida a totalidade dos periódicos a quase 1/3 do que é avaliado hoje, a concentração no topo A1 era bem menor, pois reunia 14,2% dos títulos examinados – algo que sequer o terceiro ciclo alcançou.

A leitura da tabela 3 constata ser a dominação do inglês o maior inibidor para que as revistas em língua nativa brasileira alcancem o topo de sua própria hierarquia: no primeiro ciclo (10-12), há 14 revistas brasileiras A1 (tabela 2) e 43 em inglês (tabela 3); no segundo ciclo (13-16), há 18 brasileiras e 24 em inglês; e, no terceiro, há 143 nativas e 148 em inglês. Portanto, ainda que o último ciclo tenha aumentado o número de revistas qualificadas como A1, manteve o inglês como majoritário em relação a sua própria língua no topo da classificação.

A língua inglesa é predominante também em relação às estrangeiras. Ela concentra, ao longo de todo o período, três vezes mais do que todas as outras reunidas, variando entre 75% e 78% das revistas não-nativas no topo da pirâmide.

Opostamente, há línguas minoritárias e que oscilam pouco, como é o caso do alemão, que nunca ultrapassa 2%, e do português de Portugal. Convém assinalar os rendimentos simbólicos opostos destas línguas: enquanto esta última tem o mínimo rendimento, publicar na primeira tem o máximo. Isso se deve ao peso da tradição filosófica alemã cuja sombra tripla na Sociologia brasileira (disciplina da Filosofia, raridade de capital linguístico e valor da exegese dos clássicos, isto é, weberologia e marxologia) mereceu estudos particulares (Rodrigues, 2019; Boltanski, 1975). Em contrapartida, o valor diminuto da publicação em Portugal (e de outras trocas com este país) liga-se à identidade linguística com o antigo colonizador, cuja posição imperial

no espaço transnacional é inteiramente anulada na geopolítica da segunda metade do século passado. Não por acaso, o português de Portugal e o francês apresentam declínio. Contudo, em proporções distintas – o português/Portugal cai de 5,4% a 1%,[1] já o francês vai de 10,9% a 1,56%. Dito de modo simples: mesmo o declínio de Portugal é diminuto. Inversamente, a queda mais significativa é a do francês e ela chama a atenção pois a França foi historicamente central na constituição da Sociologia brasileira. Por outro lado, a língua em ascensão é o espanhol, indo de 3,6% a 18,7% e se apresenta como o acréscimo mais significativo, numa espécie de contraponto ao descenso francês.[2]

Essa apresentação permite sugerir que a competição das línguas estrangeiras não é dinamizada contra o inglês, com o qual não ocorre disputa efetiva. Ela tem ocorrido entre o francês e o espanhol, pois enquanto este último apresentou a ascensão mais apoteótica (15,1%), o primeiro demonstrou declínio fulminante, a menos de 2%.

Os periódicos franceses no Qualis-Capes da Sociologia

Cumpre apresentar quais periódicos franceses lograram receber a apreciação "A1", ou seja, aqueles nos quais os/as sociólogos/as brasileiros/as publicaram, entrando por isso na lista, e, em seguida, sobressaíram dos estratos inferiores, resistiram à dominação do inglês e não sucumbiram ao avanço o espanhol.

A tabela 4 os apresenta, a cada ciclo de avaliação, na 1ª coluna. A elaboração da 2ª coluna presta-se a um contraponto entre a posição ocupada pelo periódico na hierarquização brasileira Qualis-Capes e a ocupada na França. Não havendo um similar do Qualis-Capes que permitisse uma equivalência ideal entre os dois ecossistemas de periodismo acadêmico, recorreu-se ao inventário de Odile Piriou e Philippe Cibois, preparado para a revista da Associação Francesa de Sociologia (AFS), a *Socio-logos*, em 2009.

---

[1] Optou-se por considerar o "português de Portugal" como língua estrangeira, em função das operações milimétricas e das propriedades do espaço social que a língua de publicação implica.

[2] O quesito diversidade linguística parece ser irrelevante para a área. No rol em tela, há uma única revista multilíngue, a alemã bienal *Anthropos* (h5=6) que publica em inglês, espanhol, português e recebeu A1 pela Antropologia/Arqueologia.

Há aí um duplo propósito: além do contraponto permitir realçar o arbitrário nacional das apreciações de valor dos bens simbólicos, ele introduz o estranhamento da avaliação Qualis-Capes, algo providencial para suspender a *doxa* da avaliação.

Tabela 4. Variação de posições nas classificações de periódicos brasileira e francesa

Periódicos Franceses A1, segundo as comissões Qualis-Capes da área de Sociologia (apresentados em ordem alfabética, segundo cada ciclo em exame)	**Posições francesas dos periódicos Franceses A1 no Brasil, segundo o Inventário *Socio-logos* (2009) n=362**
10-12	
Actes de la Recherche en Sciences Sociales	2º lugar
Études Rurales	Não classificada
Information sur les Sciences Sociales	Não classificada
Revue Internationale de Sociologie	Não classificada
Social Compass (Imprimé)	123º lugar
Sociologie du Travail	5º lugar
A1 13-16	
Études Rurales	Não classificada
Hermès	53º lugar
Information sur les Sciences Sociales	Não classificada
Revue Française de Sociologie	1º lugar
A1 17-20	
Confins	Não classificada
Droit et Société	82º lugar
Social Compass	123º lugar

Fonte: Elaboração própria, a partir das informações disponíveis em Capes (2022).

Dentre os dez periódicos franceses classificados como A1 pelo Qualis-Capes da área de Sociologia, quatro inexistem na classificação de Piriou e Cibois (2009): *Études Rurales, Information sur les Sciences Sociales, Revue Internationale de Sociologie, Confins*. Além disso, outras três assinalam discrepâncias de apreciação gritantes: *Social Compass* está em 123o lugar; *Droit et Société*, em 82o; *Hermès*, em 53o; e, no entanto, são A1 para os/

as brasileiros/as. As apreciações divergentes destes sete periódicos pendem em favor dos franceses: em seu ecossistema de origem, ocupam posições rebaixadas, mas são elevados à máxima qualificação disponível no de destino. Os três restantes – *Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Sociologie du Travail, Revue Française de Sociologie* –, estando entre os cinco primeiros lugares da *Socio-logos* e sendo A1 para os brasileiros, conformam uma zona de apreciação aproximadamente convergente.

Atestando que os bens simbólicos estrangeiros são nacionalizados no processo de importação por uma miríade de operações, tem-se 70% dos títulos numa nítida zona de apreciação divergente e 30%, numa aproximadamente convergente. Daí que os sociólogos/as das comissões Qualis-Capes concedam a categoria classificatória mais preciosa que possuem a periódicos opacos na sociologia francesa e não convirjam inteiramente na apreciação positiva daquelas que são centrais na França.

Dito de modo simples: têm sua lógica própria de produção das apreciações e, por isso, elas serão exploradas a seguir. A próxima seção trata dos critérios enunciados de modo explícito, nos documentos oficiais dos ciclos de avalição, produzidos pelas comissões a fim de comunicar aos pares seus critérios, e a seguinte trata da anatomia desses documentos e critérios.

O que os documentos (não) dizem

No documento da comissão Qualis do ciclo sob a coordenação de Jacob Carlos Lima (2010-2012), encontra-se o seguinte: "no caso de revistas internacionais, foram consideradas indexações e índice de impacto, ponderando, todavia, sua relevância para a Área" (Lima, Côrtes & Barreira, 2013, p. 1). No da comissão seguinte, comandada por Celi Scalon (2013-2016), encontra-se o mesmíssimo texto (Scalon, Miskolci & Kunrath, 2016 p. 2). Ainda que este artigo tenha acordo com Viviana Martinovich, a respeito de "relevância e fator de impacto serem redundantes" (Martinovich, 2020), a consideração em separado de ambos é reveladora de dinâmicas internas às comissões, subjacentes ao que os documentos (não) dizem.

Com relação a "fator de impacto", as comissões não informaram o patamar mínimo dele para a consideração do periódico, uma lacuna que contrasta com a metrificação dos demais itens da avalição. O texto da coordenação presta-se

menos à advertência aos pares do que à defesa de sua área face a competição com outras: "a maior parte dos periódicos estrangeiros sob exame não contabilizam seu próprio fator de impacto, inviabilizando o uso do próprio critério" (Lima, Côrtes & Barreira, 2013; Scalon, Miskolci & Kunrath, 2016).

É compreensível: a menção ao "fator" resulta do duplo vetor coercitivo a que estão submetidos/as acadêmicos/as no interior da Capes. Excetuando-se aquelas pessoas designadas diretamente pelo MEC (presidente e diretorias), as demais são membros escolhido/as no interior de sua disciplina, e, como tais, devem defender os méritos dos seus pares, sob pena de drenarem o orçamento para as áreas concorrentes. Por outro lado, devem avaliar os mesmos pares de que são delegados, operacionalizando critérios parcialmente definidos pelas instâncias superiores, nas quais as áreas concorrentes são majoritárias. Portanto, aludir a "fator de impacto" – e, moto contínuo, deliberar a impossibilidade de seu uso – consiste em resposta da comissão aos concorrentes de outros domínios que o utilizam e estão em campanha para que todas o adotem.

Tomada por óbvia e não enunciada, "relevância para a área" consiste em noção que legitimamente incita a aplicação de categorias tácitas de percepção dos avaliadores (Lamont, 2011). Nesse sentido, a manutenção de sua frouxidão e polissemia é menos problemática do que estratégica, ao propiciar o alargamento das margens de negociação de sentido e a dilatação entre as regras enunciadas e o que pode vir a ser a operacionalização prática delas. Sendo as categorias de percepção a respeito de bens não nativos condicionadas pela orientação nacional/estrangeira das carreiras dos/as membros das comissões e pelos interesses de sua dupla posição atual (todas essas pessoas são membros das comissões e simultaneamente "credenciadas" de PPGs cuja nota é decidida por estas mesmas comissões), elas são instadas a tentar impor suas tomadas de posição umas às outras e/ou de negociá-las com as demais. E, se tais condicionantes têm validade apenas para a operacionalização de critérios frouxos (como "relevância"), é ainda mais instigante surpreendê-las em esforços de metrificação de *performances* – esforço distintivo da terceira comissão, responsável pelo último ciclo em exame.

Além do aumento do número de revistas A1, este ciclo tem outras singularidades que convém dimensionar. Algumas decorrem de mudanças deliberadas pela Capes e, outras, da jurisprudência da coordenação. Dentre as primeiras, ressaltem-se: o obrigatório uso do "h5" como fator de

diferenciação do conjunto das revistas e a introdução da categoria "área-mãe". Antes dela, caso um/a credenciado/a de PPG de Sociologia publicasse numa revista de outra área, a Sociologia a classificava, independentemente de sua estratificação na área de origem. De tal modo, uma mesma revista poderia estar no topo de uma área (A1) e na base de outra (B4 ou C). A partir de então, todas as revistas passaram a ser classificadas por uma única disciplina predominante, definida como a que publica artigos nelas em maior quantidade. Assim, uma revista é de Geografia pois a maioria dos indivíduos que nela publica pertencem a esta disciplina. Caso um/a "credenciado/a" de PPG em Sociologia publique aí, a classificação para a contabilidade da avaliação será a da Geografia, sua "área-mãe".

No que tange à jurisprudência da coordenação, destaque-se um procedimento notável. Após elaborar a lista com todos os títulos de periódicos, a comissão fez uma divisão deles em duas categorias: os periódicos internacionais em inglês e aqueles publicados em outras línguas (incluindo o português do Brasil). Em seguida, para cada um destes dois conjuntos, calculou a mediana da métrica "h5" (do google scholar) e a mediana da mediana do "h5". Depois desta classificação em separado, os títulos foram unificados novamente, e estratificados, em uma única lista (Rosa & Comin, 2019, p. 2). Tratou-se de um manejo estratégico da categorização prévia à aplicação do "h5" que garantiu a "comparação de comparáveis", agregando as mais frágeis diante do predomínio do inglês e protegendo-as dele. Daí, o aumento de revistas brasileiras A1, inesperado diante da imposição do uso do "h5", e o enfrentamento digno de outras áreas no interior da Capes, cujo desempenho neste indicador era sabidamente melhor que o da Sociologia, numa notável defesa da área, por parte da coordenação de Marcelo Rosa.[3]

Cumpre colocar em evidência a coerência entre esse resultado e a perspectiva do coordenador em relação à valorização da produção nacional e do sul global, concomitante à crítica ao padrão periférico de importação de autores e conceitos europeus, isto é, "teoria por adição", no qual são realizadas "revisões de conceitos, teorias ou metodologias, propondo modificações em quadros teóricos já consolidados" – sem jamais se ousar teorização própria (Rosa & Ribeiro, 2020, p. 7). Assim, corrobora-se o sugerido acima: a metrificação (h5 ou quaisquer outros equivalentes) não elimina a incidência das posições e da tomada de posição dos avaliadores no resultado

[3] Conversa informal com Marcelo Rosa, na Anpocs/2023.

da avaliação, cujo resultado é previsível pela escolha da coordenação e das comissões (Mattedi & Spiess, 2017, p. 637).

Além disso, nesse ciclo, as revistas francesas foram eliminadas do topo. Os três títulos que receberam a classificação máxima não a obtiveram da Sociologia, por conta do uso da estratificação de suas "áreas-mãe" – *Confins* (Geografia); *Droit et société* (Direito) e *Social compass* (Antropologia/Arqueologia) – explicando assim o efeito de elevação de nível ao migrarem de certa opacidade na sociologia francesa para o brilho A1 no Brasil. Também a respeito desse tópico, cumpre colocar em evidência a coerência entre o resultado da avaliação e as tomadas de posição do avaliador. Em sua visão, temas são mais relevantes do que teoria na conformação de redes de apoio transnacional:

> a gente tá começando a procurar pares de pesquisa e não só referências teóricas, né? antigamente, a gente pegava as referências teóricas e construía nossa tese – esse é um ponto importante, as temáticas são mais importantes para as carreiras [...] a coisa da internacionalização, é obvio que a gente tem o caso da França, que é o nosso, a nossa conexão paradigmática mais forte, mas talvez, eu diria, com a França a gente tem mais essas conexões teóricas. Mas a maioria das conexões internacionais, elas são temáticas [...]. As redes que eu participo são sempre temáticas, é... movimentos sociais, meio ambiente, é gênero é educação...e aí, nessas redes, você tem vínculos que não são necessariamente departamentos de sociologia que estão envolvidos. [...] tem os casos clássicos dos de América Latina, a periferia vinha se juntando com a periferia né... o processo de internacionalização ... de novo ... você não vai debater o legado de Max Weber, ou quando faz isso é muito raro, muito pequeno. Eu, há uns quatro congressos internacionais da ISA, eu sempre vou e apresento trabalho no grupo de teoria [...] aí eu sempre vou parar naquela mesa em que tem um paquistanês, um nigeriano. Você pode até falar de Weber, mas com nigeriano, raramente o alemão vai dar espaço para você falar desse lugar... é um grupo minoritário que se internacionaliza, mas esses grupos passam a ter voz nos seus programas... só mais um exemplo biográfico, eu tenho uma ligação muito forte com a África do Sul, dou aula lá e faço pesquisa e tal, e isso eu notei, no departamento de Sociologia quase não tem gente formada em Sociologia, no começo era muito estranho para mim né, "pô, esse cara não entende nada do Bourdieu" e aí eu chamei uma professa para dar um curso comigo na UnB e aí ela foi dar aula de teoria contemporânea comigo e aí daqui a pouco alguém fez uma pergunta sobre Bourdieu (porque fala de teoria

> fala de Bourdieu, né?), então, ela diz "Bourdieu eu conheço mas li quase nada". E os alunos reagiram dizendo "como!?" [risos]. E ela só respondeu – é que lá na minha tradição não é importante (Marcelo Rosa em entrevista concedida a Carlos Benedito Martins e Lidiane Rodrigues, 2021, min. 39:00-40:34).

Somente no primeiro estrato inferior ao A1, isto é, no A2, as revistas francesas de sociologia começam a comparecer, e são apenas duas: *Agricultures. Cahiers d'études et de recherches francofones* e *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*.[4]

Agricultures. Cahiers d'études et de recherches francofones recebeu nos ciclos anteriores Qualis-Capes, respectivamente A2 e B1 – indicando pouca mobilidade em relação a este terceiro ciclo (em que é A2). De todo modo, não figura na lista Piriou e Cibois, situando-se, portanto, naquela zona de apreciação divergente que eleva as francesas ao migrarem para o ecossistema brasileiro. Já *Actes de la Recherche en Sciences Sociales (ARSS)* recebeu A1 nos ciclos anteriores e é citada na lista de Piriou e Cibois em 2o lugar. Ao rebaixá-la, a comissão a retirou da zona de convergência de apreciação positiva (isto é, eliminou o acordo entre a posição central ocupada por ela na sociologia francesa e seu equivalente aproximado no Brasil, o A1 do Qualis-Capes). Tendo-se em vista que a ARSS se manteve constante no período, seu rebaixamento não corresponde à redução de sua qualidade, mas à mudança de critérios – isto é, a "comissão Qualis-Capes" mudou, não a revista.

Estabelecida em 1975, pelo ainda jovem Pierre Bourdieu, a reputação da ARSS no Brasil é indissociável da conflitiva recepção nacional da obra deste sociólogo. Ao rebaixá-la, a comissão reforça tomadas de posição de seus membros a respeito do sistema teórico de Bourdieu que, de diversas maneiras, estrutura a sociologia brasileira, opõe seus praticantes entre adeptos e refratários a ela, ou seja, está no centro do espaço (Campos & Szwako, 2020, p. 2). Neste sentido, a mobilidade descendente de ARSS confirma a assertiva sobre a coerência entre o resultado da avaliação, a posição e as tomadas de posição dos agentes por ela responsáveis, atestando que a contabilidade científica na avaliação confere legitimidade aos juízos

[4] As demais A2 receberam esta classificação de suas "áreas-mãe": *Cahiers Alhim* (História); *Chronique internationale de l'IRES* (Direito); *Cités* (Filosofia); *Revue française des sciences de l'information et de la communication* (Comunicação), e duas bilíngues (inglês/francês), *Annales de l'é*conomie publique, sociale et coopérative (Administração Pública) e *French journal for media research* (Artes).

condicionados pelas tomadas de posição disciplinares *pari passu* a aparência da eliminação deles.

Em suma, observaram-se mudanças, notadamente, no número das nativas, mas também a manutenção de tendências anteriores, vigentes nos resultados desta terceira comissão: o sucesso das anglófonas, o ocaso das francesas e a zona de divergência na avaliação destas últimas (elevando algumas opacas do ecossistema francês e rebaixando outras cuja centralidade é reconhecida). Se na linguagem técnica, o fenômeno é designado de "distorções", de um ângulo não normativo, indica apenas os vetores competitivos do espaço.

O topo do espaço das revistas e o espaço social no topo delas

As normas enunciadas nos documentos *não* produzem e tampouco explicam a hierarquia da avaliação em geral e das revistas em particular. Efetivamente, são elas – as normas enunciadas – que requerem explicação. Como resultantes da dinâmica competitiva do espaço, é nele que reside a inteligibilidade da dinâmica na qual as normas são um *recurso* competitivo dos agentes.

Atualmente, há 51 PPGs de Sociologia, nos quais 1248 professores/as "credenciados/as" e, aproximadamente, 4500 estudantes matriculados/as em doutorado e mestrado (Nierdele, 2023, p. 6-7) são motivados para publicar em revistas, orientados/as pelos Qualis-Capes sob nosso escrutínio. As três "comissões Qualis" responsáveis pelo atiçamento de seus pares foram compostas por três coordenadores/as de área, três respectivos/as coordenadores/as adjunto/a e mais 19 sociólogos/as, escolhidos a dedo por eles/as, reunidos nas comissões. Assim, do total de indivíduos que constituem a Sociologia na Capes (n=5748), as comissões (n = 25) consistem em 2% e, portanto, ao topo da pirâmide dos periódicos (os títulos A1) corresponde uma fração de sociólogos no topo do espaço disciplinar (as comissões). Retomando-se as duas condicionantes indicadas na discussão sobre o que os documentos (não) dizem, explora-se, a seguir, os nexos entre estes dois topos. Nesta seção, trata-se de uma dimensão da trajetória, isto é, a orientação (inter)nacional das carreiras dos 2%, adotando-se como indicador disso, o tipo de doutoramento realizado pelos avaliadores e suas comissões. Esse indicador permite auscultar as propriedades profissionais cujo efeito

foi a seleção e impulsionamento de uma reduzida fração de sociólogos/as à condição de elite dirigente da disciplina.

Os 2% em exame apresentam quatro tipos de doutorados: dez nacionais (realizados totalmente no Brasil); três estrangeiros (realizado totalmente no fora do país, com bolsa não brasileira ou sem bolsa); seis plenos (realizado totalmente no exterior, com bolsa homônima da Capes); e, finalmente, seis sanduíches (realizado com bolsa homônima da Capes, financiando de um trimestre a um ano de estágio fora do país).

Portanto, dentre os 25 indivíduos em questão, 40% não saíram do país em seus doutorados. Além disso, eles se titularam em instituições do "eixo Rio-São Paulo": quatro na USP, três na Unicamp, dois no IUPERJ, um na PUC-SP.

A ancoragem nacional das carreiras, em detrimento da internacional, é, portanto, um impulso aos postos dirigentes, reforçada pela assimetria geopolítica brasileira (isto é, no chamado "eixo", concentram-se as oportunidades, a riqueza material e o prestígio institucional). O modelo reforça-se pelo fato de que dentre oito indivíduos cuja participação ocorreu em mais de uma comissão, quatro são doutorados nacionais do "eixo" (Rosa/IUPERJ, Comin/USP, Bastos/UNICAMP, Proença/UNICAMP).[5] Discutindo o padrão das publicações de sociólogos/as brasileiros/as, Eloisa Martin e Tom Dwyer chamaram a atenção para a orientação nacional das mesmas e sugeriram que a fabricação de carreiras de prestígio na disciplina requeira este horizonte de delimitação (Martin, 2015; Dwyer, 2013). As constatações aqui apresentadas corroboram essa assertiva.

As demais 15 titulações apresentam gradientes e modalidades distintas de orientação para o estrangeiro: há nove doutorados realizados inteiramente no exterior (isto é, seis plenos, três estrangeiros), o modelo mais eficaz de produção das elites, seguido do nacional no eixo sudeste (dez), e seis "sanduíches" (n=6), tipo menos rentável de todos.

Com relação ao leque de países estrangeiros, os/as 15 membros assim se distribuíram: Inglaterra (três doutorados plenos, dois sanduíches); EUA (três plenos); França (um estrangeiro, dois sanduíches), e, finalmente, com apenas um, os minoritários, Alemanha (um estrangeiro), Espanha (um estrangeiro), México (um sanduíche) e Portugal (um sanduíche). O agrupamento por

[5] Ver Quadro 1, no Apêndice: Marcelo Rosa (5x, sendo duas como coordenador); **Á**lvaro Comin (2x, sendo uma como coordenador adjunto); Emil Sobotka (3x); Josimar Jorge Ventura de Morais (3x); e, finalmente, Elide Rugai Bastos, Luiz Augusto Campos, Rogério Proença e Miriam Rabelo (2x).

línguas evidencia a tendência nitidamente: dentre os 15, 53.3% (n=8) dirigiram-se ao universo anglófono, três, ao francófono, dois ao espanhol – sendo os demais minoritários. O segmento internacionalizado desta fração é anglófono, portanto. Identifica-se, na orientação da carreira da elite dirigente disciplinar, algo análogo à concorrência linguística já encontrada no rol dos periódicos por ela qualificado como A1. A disputa da última década ocorreu entre espanhol e francês e, dada a predominância do inglês, ele está acima de uma concorrência efetiva.

No entanto, não se trata apenas de constatar que o universo anglófono é majoritário numericamente no cume da fração dirigentes. Ainda mais relevante é a modalidade de doutorado anglófona, isto é: não há doutorado *pleno* em outra língua, senão em inglês (seis, na Inglaterra e nos EUA), enquanto os seis "sanduíches" se dispersam (Inglaterra, dois; França, dois México, um; Portugal, um). Em contrapartida, não se encontra um único doutorado pleno na França. A única pessoa que realizou doutorado inteiramente na França é Edna Maria Ramos de Castro, e, tendo-o defendido em 1983, figura como a titulação mais antiga dentre os/as membros em exame. *Em suma, é o doutorado pleno anglófono a modalidade de titulação internacionalizada mais eficaz na catapulta dos indivíduos às frações dirigentes da área*.

Esta observação deve ser aquilatada, a fim de caracterizar as posições da França e suas condições de enfrentamento da hegemonia do universo anglófono na sociologia brasileira. Em primeiro lugar, tendo em vista a assimetria entre as bolsas de doutoramento, "sanduíche" e "pleno", e, em seguida, os países estrangeiros que mais receberam estudantes numa e noutra modalidade. É o que se faz a seguir.

Países de destino e distinções entre os "sanduíches" e os plenos

As bolsas concedidas pela Capes aos/às doutorandos/as em Sociologia, entre 1998 e 2021, foram majoritariamente na modalidade "sanduíche", em detrimento do "pleno". A agência adotou esta política, com o propósito de frear a fuga de cérebros (para alguns, estimulada pelo doutoramento pleno), economizar recursos e não romper os vínculos com os centros internacionais (Ramos, 2018; Velho, 2001). Tal arranjo orçamentário estabeleceu uma nítida

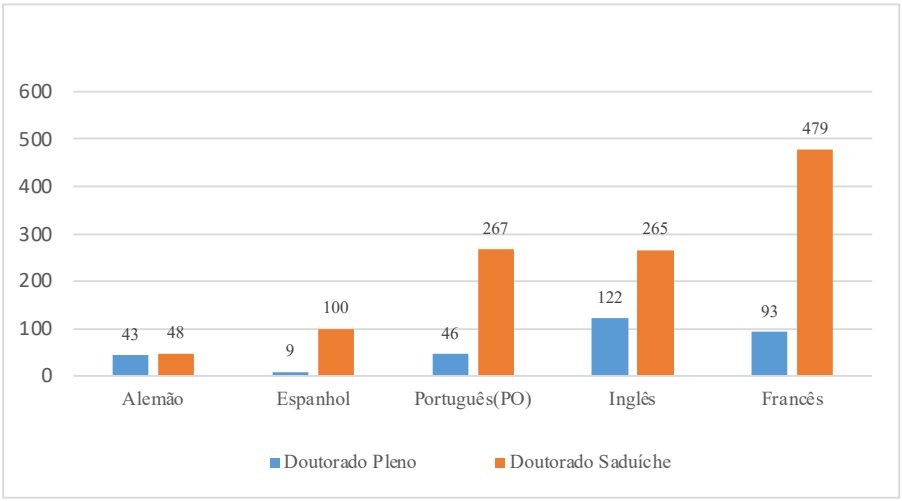
disparidade entre ambos: ao ofertar menor número de bolsas para doutorados "plenos", esta modalidade passou a reunir estudantes mais competitivos em relação aos "sanduíches", de "fácil acesso" e "mais democráticos".

Além disso, as condições de realização de um e de outro os tornam praticamente incomparáveis. O "pleno" se caracteriza por um tempo prolongado em país estrangeiro, com incontornável adaptação às milimétricas práticas de um sistema acadêmico diverso ao de origem e, em seguida, readaptação a este último. Além disso, impõe-se o aprendizado da expressão em outros códigos de conduta profissional, a redação e a defesa de tese em outra língua. A expectativa do financiamento deste tipo de doutoramento é fomentar processos de integração orgânicos e longevos, por meio de agendas de pesquisa e descobertas compartilhadas, além de agentes predispostos à importação para o Brasil de práticas oriundas de outros espaços com as quais o país é pouco familiarizado. Já os doutorados "sanduíche", a começar pelo campo semântico da designação, dão o que pensar a respeito do estado de indeterminação e de descompromisso a que se lançam os/as estudantes. Seguindo as conotações em jogo, o "sanduíche" designa o "recheio", pois obrigatoriamente é realizado num período *intercalado* a outras etapas do percurso do doutoramento (só pode ocorrer após o cumprimento de disciplinas e da qualificação e com certo tempo antes da defesa da tese realizada no Brasil), e "recheio" é também o que dá sabor, mas pode *ou não* ser uma porção nutritiva do que se come. A oposição é nítida: o "sanduíche" atrai indivíduos menos competitivos e predispostos a investimento aventureiro, tem caráter temporário e, como tal, no varejo é pouco estimulante aos intercâmbios mais orgânicos, muito embora em atacado contribua para manutenção dos liames institucionais transnacionais. Já o doutorado pleno atrai estudantes muito competitivos, é substancial e inteiramente definido pela orientação, adaptação e integração junto ao país e à instituição estrangeira e, posteriormente, importação de inovações ao Brasil (Velho, 2001). Os compromissos exigidos por ambos são diversos, assim como os rendimentos correspondentes.

Os países de destino estrangeiro conformam um leque de possíveis, por isso, a circulação transnacional só é inteligível situando-os nos percursos internacionalizados dos agentes uns em relação aos outros, ponderando seus rendimentos díspares.

Abaixo, comparam-se as modalidades de doutoramento brasileiros que os principais países do norte global têm atraído. Observe-se:

Gráfico 1. Principais países/ línguas do norte global de destino dos bolsistas de doutorado da Capes (1998- 2021) (n= 1.472)



Fonte: Elaboração de Jordana Fonseca (UnB) e Sávio Barros (UnB), doutorandos-bolsistas do projeto Capes-Cofecub que financiou esta pesquisa, a partir dos dados disponíveis em: https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/

Obs.: O período abarcado pelo doutoramento dos/as membros das comissões em exame (1983-2013) não equivale perfeitamente ao das concessões de bolsas de doutorado no quadro (1998-2021). A despeito disso, é possível sinalizar os rendimentos diferenciados da circulação internacional, tendo em vista tendências estruturantes, dinâmicas competitivas e a lógica da fabricação de elites, isto é, a distribuição desigual dos recursos e sua capacidade distintiva diferenciada.

Alemanha e Espanha são minoritários entre os doutoramentos das comissões e, igualmente, na atração de bolsistas: (a) Alemanha, um doutorado estrangeiro nas comissões e 6,2% do total de bolsas; (b) Espanha, um doutorado no estrangeiro nas comissões e 7,4% do total de bolsas. Portugal é o país que mais se aproxima em termos porcentuais (21, 2%) da capacidade de atração dos países de língua inglesa (26,2%). De todo modo, sua baixa capacidade de distinção já se verificava no diminuto número de sociólogos/as orientados/as ao país, presentes na comissão (um "sanduíche"). Pode-se inferir que o doutorado sanduíche, neste país, seja o menos rentável. Apresenta-se como oposto do mais rentável – o doutorado anglófono.

Ademais, considerá-lo com mais verticalidade na análise implicaria discutir as suspeitas que a orientação internacional portuguesa suscita: a identidade linguística dos países consiste no atalho mais fácil para os estudantes monolíngues contornarem as provas de proficiência. De todo modo, também este ponto reforçaria a baixa capacidade de distinção deste país no Brasil.

A França é o país estrangeiro que mais recebe doutorandos brasileiros (38, 8%),[6] batendo, quantitativamente, os países de língua inglesa (Inglaterra, Irlanda e EUA) somados (26,2%). O feito é notável – sobretudo, considerando-se que os bolsistas devam atestar proficiência nas línguas nativas dos países a que se dirigem e que o inglês é língua estrangeira obrigatória do sistema de ensino brasileiro, mas o francês, não.

Aos países de língua inglesa, dirigiram-se menos bolsistas do que à França. Dentre os bolsistas orientados para a França, a modalidade "sanduíche" é predominante (n=479, 83,7%), em detrimento do pleno (n=93, 16,3%). Em contrapartida, a relação se inverte nos países anglófonos: 68, 5% (n=265) dos bolsistas são de doutorado "pleno" e apenas 31,5% (n=122), de "sanduíche". Portanto, considerando a discussão sobre as duas modalidades de doutorado e a dinâmica distintiva que preside a produção de elites, pode-se afirmar ser este o trunfo anglófono:[7] menos bolsistas no conjunto, mas majoritariamente de doutorado internacional "pleno". Ao que tudo indica, a desproporção quantitativa e a modalidade de bolsa têm operado em favor da redução do rendimento competitivo da formação brasileira orientada para a França no âmbito da Sociologia.

A capacidade da orientação à França distinguir sociólogos/as brasileiros vai se reduzindo em favor dos trunfos que o universo anglófono lhes rende. Assim é entre os periódicos A1 no topo dos Qualis-Capes da área na última década e, homologamente, configura-se no interior da elite dirigente que os produziu. Considerando a valoração positiva da modalidade "plena" de doutorado internacional em detrimento de "sanduíche", mantendo-se a inércia da França em concentrar massivamente as bolsas nesta última modalidade (isto é, 83,7% do total de 1472 no período), tendencialmente,

[6] A diversidade dos processos de oferta, disputa e concessão de bolsas Capes impede fazer esta discussão em termos de "países preferenciais" dos/as estudantes. Por isso, opta-se por trabalhar no plano dos efeitos e das resultantes destes processos.

[7] Desnecessário explicar que não se trata de afirmar que a lógica do "quanto menos, melhor" garante o sucesso distintivo. Do contrário, Alemanha e Portugal apresentariam capacidade equivalente de diferenciar.

o país converterá sua antiga força distintiva em fragilidade simbólica, sob efeito de fluxos massivos de "sanduíches".

Lógicas da alodoxia: circuito curto das instituições e curto-circuito da apreciação

A posição (e a elevação) dos periódicos franceses no ecossistema brasileiro é indissociável dos interesses atrelados à dupla posição dos membros das comissões, também credenciados a PPGs cuja nota depende destas comissões.

Cumpre atentar ao fato de que os periódicos nos quais brasileiros/as publicaram mais de uma vez na década em tela (*Études Rurales, Information sur les Sciences Sociales e Social Compass*) se situam naquela zona de não convergência da apreciação e de "elevação" das revistas francesas. Pode-se inferir daí que, muito embora os/as brasileiros/as se dirijam às instituições francesas centrais, eles/as não se integrem a elas. Por isso, alcançam as publicações opacas e seguem distantes das dominantes na França. De outro ângulo, confirma-se a ideia de que o Brasil dispõe de um sistema acadêmico denso o bastante para dispor de princípios próprios de apreciação, relativamente autônomo em relação ao espaço de origem dos bens em exame, apreciados em sua moeda local. O crucial é o câmbio desta conversão e a tabela acima oferece os elementos para tratar disso.

Seria desnecessário afirmar que não se trata de afirmar que as comissões, orientadas nacionalmente e ao universo anglófono, desconheçam o campo sociológico francês, pois a familiaridade com os bens estrangeiros não está no centro deste jogo. Na verdade, a ação vetorial do campo nacional antecede a construção desta familiaridade: vai-se em busca de um ou de outro país em função das posições que se ocupa no espaço e não do (des)conhecimento deles. Na medida em que a orientação *para* os países estrangeiros ocorre *pela* dinâmica competitiva do espaço nacional, inclinações à apreciação de bens oriundos de alguns países em detrimento de outros antecedem a familiaridade ou ignorância. Dito de modo simples: é a posição de aliado ou rival de grupos francófilos que condiciona, parcialmente, a disposição à apreciação positiva ou negativa da França.

O vínculo entre o periódico francês bem classificado e sua "chegada" aos membros da comissão é simples: o/a sociólogo/a que publicou nele

(reitere-se o modo como a lista dos títulos é produzida: um/a "credenciado/a" em PPG publica num periódico e isso carreia este último para o juízo da comissão Qualis-Capes). Trata-se, portanto, de indagar se os indivíduos que publicaram nos periódicos A1 o vínculo crucial do sistema – o pertencimento ao mesmo PPG que os membros da comissão. Como no terceiro ciclo não há revistas francesas A1 da área, realizou-se este exercício apenas com as comissões dos dois primeiros, propondo-se a tabela 6[8]:

Tabela 6. O que o Qualis-Capes avaliou (periódico francês ou sociólogo/a brasileiro/a?)

Títulos dos periódicos franceses A1/ Posição (em Piriou & Cibois, 2009)	**N. de sociólogos/as brasileiros/as publicaram no periódico/PPG de Sociologia de credenciamento/há membro na comissão Qualis-Capes credenciado ao mesmo PPG que o/a autor/a?**
Ciclo 2010-2012	
Actes de la Recherche en Sciences Sociales/ 2º lugar	1/não
Études Rurales/ Sem classificação	1/ PPGAS-UFF/ sim
Information sur les Sciences Sociales / Sem classificação	1/ Juremir Machado da Cunha azil. pois sao quesitos que impuseram a seus pares?acoes irassoes.paz de diferenciria quesitos que elPPGS-UFRGS / sim
Revue Internationale de Sociologie/ Sem classificação	1/ Juremir Machado da Cunha azil. pois sao quesitos que impuseram a seus pares?acoes irassoes.paz de diferenciria quesitos que elPPGS-UFRGS / sim 1/ PPGAS-UFPE / sim
Social Compass / A1 x 123º lugar	1/PPGAS-UFF / sim 1/ PPGAS-UFPE/ sim
Sociologie du Travail/ A1 x 5º lugar	Não encontrado/a
Ciclo 2013-2016	
Études Rurales / Sem classificação	1/ PPG-SOL/UnB / sim 1/ PPGS/UFF / não
Hermès / A1 x 53º lugar	1/ Comunicação- PUCRS / não
Information sur les Sciences Sociales / Sem classificação	1/ PPGCPS-IESP-UERJ / sim
Revue Française de Sociologie / 1º lugar	A revista está na lista de avaliação, mas não se encontrou autor/a

Fonte: Elaboração própria, com auxílio de Jordana Fonseca (UnB).

[8] Opta-se por suprimir os nomes para garantir a atenção ao argumento, em detrimento do enquadramento deste trabalho no âmbito do "denuncismo".

Havendo na comissão um membro de mesmo PPG em que está credenciado/a o/a socióloga que publicou no estrangeiro, aumentam as chances de o periódico ser bem avaliado. No entanto, o fenômeno não se explica apenas pelo interesse dos indivíduos nas comissões (em manter ou aumentar a nota de seus PPGs). O circuito curto e fechado da acumulação de capital científico entre os que são capitalizados garante que a boa classificação dos PPGs reforce a reputação de seus "credenciados/as" e, reversamente, que suas ações e publicações sejam apreendidas, até que se prove o (ou se convença do) contrário, com viés positivo. Daí serem reiteradamente bem classificados pela fração de pares presentes nas comissões, cientes e respeitadores de sua boa classificação prévia.

Pode-se sugerir, hipoteticamente – pois de modo mais assertivo requereria uma etnografia das comissões, tal como realizada por Clementine Gozlan (2016) –, que não bastaria o membro do mesmo PPG em que está credenciado/a o/a sociólogo/a que publicou no estrangeiro defender seu valor, não houvesse de antemão a representação positiva dele e do PPG. Ao que tudo indica, a capacidade de elevar a classificação de revistas desclassificadas na França se liga também à reputação dos/as sociólogos/as que empreende tal feito, pois são eles/as o objeto último da avaliação, não as revistas. Por suposto, o mérito sem capital social não é reconhecido. Inercial e independentemente de sua estrutura e volume, no campo científico, o capital leva capital ao capital (Bourdieu, 2001).

Considerações Finais

Este trabalhou partiu da tarefa de situar a França no leque dos países do "norte global" disponíveis à competição entre sociólogos brasileiros. Para tanto, colocou em relevo a "comissão Qualis-Capes" como um dos árbitros da produção sociológica nacional, circunscreveu a análise ao topo da pirâmide hierárquica de periódicos produzida por ela e constatou a capacidade reduzida das revistas francesas figurarem como A1, face ao predomínio anglófono e à ascensão hispanofônica.

As regras objetivas da classificação dos periódicos encontram-se normatizadas e matematizadas nos "documentos de área", e os procedimentos operacionais de sua aplicação, descritos nos "relatórios

de avaliação". E, no entanto, a hierarquia resultante não encontra inteligibilidade neles. Demonstrou-se que, tal qual as zonas de convergência e de divergência da apreciação bilateral Brasil-França, a normatização enunciada resulta de propriedades e dinâmicas competitivas do espaço disciplinar dos dois países *vis à vis* a dominação sofrida por ambos face a anglofonia. Se é assim, a apreciação dos bens estrangeiros resulta da competição entre os agentes nativos, o que desarranja lugares comuns a respeito do "norte" e do "sul" globais.

Se, por um lado, a predominância do inglês permite confirmar a tese da "dependência acadêmica" (Alatas, 2003, 1993), por outro, a anatomia das categorias nativas operacionalizadas na classificação hierárquica dos estrangeiros arranha a ideia de "mente cativa", denunciada nessa discussão. No topo da elite dirigente da Sociologia brasileira, encontra-se a densidade do espaço intelectual autóctone e suas rivalidades se apropriam dos bens e das matrizes estrangeiras, colocando-as a serviço dos interesses atrelados a suas trajetórias e posições. A eliminação dos periódicos franceses da categoria A1 e o rebaixamento de ARSS exprimem princípios estruturantes que opõem sociólogos brasileiros em relação ao valor dos bens dos países estrangeiros, cuja atribuição é condicionada pelas clivagens do campo intelectual nacional. Dito de modo simples: o país estrangeiro é apreciado em moeda nacional. O exame do topo da hierarquia dos sociólogos que produziu o topo da hierarquia das revistas tornou este giro de perspectiva surpreendente, por ter estado e se manter oculto em tantas discussões, quando deveria ser simplesmente óbvio. *As elites nativas nacionalizam, isto é, enquadram os bens estrangeiros segundo cognição e interesses tão próprios e densos que os recriam e os desconfiguram*. Nesse sentido, a suposição de que a origem estrangeira de um bem simbólico seja por si só indício de colonialidade poderia ser vista, ela própria, como sinal de menoscabo em relação à densidade e autonomia do campo intelectual de destino dos bens.

Em seguida, a análise estabeleceu os nexos entre dois topos, o das revistas A1 e dos 2% dirigentes da área, membros constituintes das comissões Qualis-Capes. No centro deles, encontrou a orientação (inter)nacional dos doutorados dos/as membra/o/s da comissão, assim como o condicionamento de seus juízos pela "dupla posição" (membro de comissão e de PPG sob avaliação desta comissão). Homologamente ao perfil dos periódicos A1, o perfil da carreira dos/as membros internacionalizados/as das comissões

evidenciou o predomínio anglófono (e o peso do doutorado pleno). E, de tal modo, confirma-se o modelo analítico das elites científicas, segundo o qual elas tendem a impor seu padrão de sucesso aos pares, quando investidas da tarefa de avaliar a *performance* desses (Whitley, 2007).

Sublinhe-se que a proposta de analisar o perfil das comissões liga-se à advertência formulada de modo cristalino por Marilyn Strathern: somos resultado "de um efeito que nós mesmos ajudamos a produzir. Os avaliadores não são alienígenas: são uma nova versão de nós mesmos" (Strathern, 1999, p. 30-31). Adicionaria que a agência sobre nós mesmos, evocada pela antropóloga, reside sobretudo no pacto entre avaliadores e avaliados em torno da legitimidade da produção conjunta da desigualdade entre pares, sem a qual a avaliação não se manteria.

Referências

Alatas, Syed Farid. (2003). Academic Dependency and the Global Division of Labour in the Social Sciences. *Current Sociology, 51*(6), 599-613. https://doi.org/10.1177/00113921030516003

Alatas, Syed Farid. (1993). On the Indigenization of Academic Discourse. *Alternatives, 18*(3), 307-338. https://doi.org/10.1177/030437549301800303

Barata, Rita de Cássia B. (2016). Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação, 13*(30), 13-40. http://dx.doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.947

Boltanski, Luc. (1975). Note sur les échanges philosophiques internationaux. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 1*(5-6), 80-108. https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1975_num_1_5_3502

Bourdieu, Pierre. (2002). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 145*, 3-8. https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793

Bourdieu, Pierre. (2001). *Science de la science et refléxivité*. Raisons d'agir.

Campos, Luiz Augusto. (2021). Qualis, para que te quero? *Novos debates, 6*(1), 1-10. https://doi.org/10.48006/2358-0097-6214

Campos, Luiz Augusto, & Szwako, José. (2020). Biblioteca Bourdieusiana ou como as ciências sociais brasileiras vêm se apropriando de Pierre Bourdieu (1999-2018). *BIB, 91*, 1-25. http://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/492

Capes. (2022). *Qualis Periódicos*. Plataforma Sucupira. https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf

Capes. (2020). *Sociologia – Memória da área*. https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colegio-de-humanidades/ciencias-humanas/sociologia-memoria-da-area

Capes (2004). *Documento de área – Sociologia*. https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colegio-de-humanidades/ciencias-humanas/sociologia-memoria-da-area

Capes. (s. d.). *Dados abertos Capes*. GeoCapes. https://dadosabertos.capes.gov.br/

Dwyer, Tom. (2013). Reflexões sobre a internacionalização da sociologia brasileira. *Revista Brasileira de Sociologia, 1*(1), p. 57-87. https://doi.org/10.20336/rbs.24

Feijó, Rosemeire N., & Trindade, Hélgio. (2021). A construção da política de internacionalização para a pós-graduação brasileira. *Educar em Revista, 37*, 1-22. https://doi.org/10.1590/0104-4060.76211

Gingras, Yves. (1988). L'évaluation par les pairs et la définition légitime de la recherche. *Actes de la recherche en sciences sociales, 74*(1), 47-54. https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1988_num_74_1_2433

Gozlan, Clementine (2016). *Reinventer le jugement scientifique*. Ecole doctorale de Sciences Po. Centre de Sociologie des organisations.

Horta, José Silvério B., & Moraes, Maria Celia M. (2005). O sistema Capes de avaliação da pós-graduação: da área de educação à grande área de ciências humanas. *Revista Brasileira de Educação, 30*, 95-181. https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000300008

Lamont, Michèle. (2011). *How professors think: inside the curious world of academic judgment*. Harvard University Press.

Lima, Jacob Carlos, Côrtes, Soraya, & Barreira, Irlys. (2018). A sociologia fora do eixo: diversidades regionais e campo da pós-graduação no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia, 6*(13), 76-103. https://doi.org/10.20336/rbs.259

Martin, Eloísa. (2015). Publicação acadêmica internacional e o lugar do Brasil na sociologia global. *In* C. Pinheiro *et al.* (org.), *Ateliê do pensamento social. Práticas e textualidades* (pp. 47-67). Editora FGV.

Mattedi, Marcos Antônio, & Spiess, Maiko Rafael. (2017). A avaliação da produtividade científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 24*(3), 623-643. https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000300005

Martinovich, Viviana. (2020). Indicadores de citación y relevancia científica: genealogía de una representación. *Dados, 63*(2), e20190094. https://doi.org/10.1590/001152582020218

Merton, Robert. (1973). Recognition and excellence: instructive ambiguities. *In* R. Merton, *The Sociology of Science. Theoretical and empirical investigations* (pp. 419-438). Chicago Press.

Nierdele, Paulo. (2024, 26 mar.). *Aula inaugural – Planejar ou perecer: o futuro da avaliação da Pós-Graduação na área de sociologia* [vídeo]. Youtube: PPGSP UENF. https://www.youtube.com/watch?v=vHim3d0CW-Y

Nierdele, Paulo. (2023). *Sociologia*. Capes [Relatório do Seminário de Meio Termo]. Disponível em https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colegio-de-humanidades/ciencias-humanas/sociologia

Piriou, Odile & Cibois, Philippe. (2009). Inventaire des revues où publient les sociologues. *Socio-logos, 4*(4), 1-18. https://doi.org/10.4000/socio-logos.2310

Ramos, Milena Yumi. (2018). Internacionalização da pós-graduação do Brasil: lógica e mecanismos. *Educação & Pesquisa, 44*, 1-22. https://doi.org/10.1590/S1517-9702201706161579

Rodrigues, Lidiane S. (2019). Poder, sexo e línguas no marxismo à brasileira. *Revista Pós Ciências Sociais, 16*(31), 131-158. https://doi.org/10.18764/2236-9473.v16n31p131-158.

Rosa, Marcelo, & Comin, Álvaro. (2019). *Relatório do Qualis Periódicos – Sociologia*. Area 34.

Rosa, Marcelo, & Ribeiro, Matheus. (2020). Como se faz teoria social no Brasil? (2010-2019). *BIB, 94*(1), 1-22. https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/151

Scalon, Celi, Miskolci, Richard, & Kunrath, Marcelo. (2016). *Considerações sobre Qualis Periódicos – Sociologia*. CAPES.

Strathern, Marilyn. (1999). Melhorar a classificação: a avaliação no sistema universitário britânico. *Novos Estudos CEBRAP, 53*(1), 15-31.

Velho, Lea. (2001). Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? *Dados, 44*(3), 607-631. https://doi.org/10.1590/S0011-52582001000300005

Whitley, Richard. (2007). Changing governance of the public science: the consequences of establishing research evaluation systems for knowledge production in different countries and scientific fields. *In* R. Whitley & J. Gläser (ed.), *The Changing Governance of the Sciences. The advent of research evaluation systems* (pp. 3-27). Springer.

Apêndice

Quadro 1 - Comissões Qualis-Capes da Sociologia (2010-2021)

Nome **Posição** **PPG atuação**	**Doutorado** **(N/E/P/S)*** **Instituição /Período** **/ Bolsa**	**Título da tese** **Orientador/a**
Ciclo 2010-2012		
Jacob Carlos Lima (coord.) PPGS UFSCar	Nacional PPGS USP 1987-1992 Bolsa Capes	*A formação do operariado fabril no desenvolvimento industrial de Pernambuco* Or. Orlando Pinto de Miranda.
Soraya Vargas Cortes (UFRGS) (c.adj.) PPGS PPG-PP UFRGS	Pleno LSE Bolsa CNPq 1991-1995	*User participation and reform of the Brazilian Health System* Or. Anthony Hall
Maria Lígia de Oliveira Barbosa PPGSA UFRJ	Nacional Unicamp 1986-1993 Bolsa Capes	*Reconstruindo as minas e planejando as gerais: os engenheiros e a construção dos grupos sociais.* Or. Vilmar Faria
Élide Rugai Bastos PPGS Unicamp	Nacional PUC-SP 1982-1985 S/B	*Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira* Or. Octavio Ianni
Emil Sobotka PPGS PUC-RS	Estrangeiro/Alemanha WWU Münster 1993-1997 Oekumenisches Studienwerk (bolsa alemã)	*Kirchliche Entwicklungsprojekte in Brasilien: Die Zusammenarbeit von BfdW und EZE mit brasilianischen Partnern als Impuls für gesellschaftliche Transformationsprozesse* Or. Achim Schrader.
Josimar Jorge Ventura de Morais PPGS UFPE	Pleno LSE 1988-1992 Bolsa Capes	*The "New" Unionism in Pernambuco (Brazil) in the 1980s* Or. Stephen Hill
Marcelo Rosa PPG UFF 2003-2008 UnB 2008-2020 UFRRJ 2021-atual	Nacional PPGS IUPERJ 2000-2004 Bolsa CNPq	*O engenho dos movimentos: reforma agrária e significação social na zona canavieira de Pernambuco.* Or. Luiz Werneck Vianna

Continuação... Quadro 1 - Comissões Qualis-Capes da Sociologia (2010-2021)

2**		
Marcos César Alvarez PPGS USP	Nacional PPGS USP 1991-1996 Bolsa Capes	*Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil* Or. Sergio Adorno
Élide Rugai Bastos	x	x
Rogério Proença PPGS UFES	Nacional PPG-CS Unicamp 1997-2001 Bolsa Capes	*Espaço Público e Política dos Lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo*. Or. Antonio Augusto Arantes Neto
Jorge Ventura	x	x
Emil Sobotka	x	x
Lígia Helena Hahn Lüchmann PPGS UFSC	Nacional PPG-CS Unicamp 1997-2002 Bolsa Capes	*Possibilidades e limites da democracia participativa* Or. Rachel Meneguello
Marcelo Rosa (UnB)	x	x
Carlos Antônio Costa Ribeiro IESP UERJ	Pleno Columbia University 1996-2002 Bolsa Capes	The Brazilian occupational structure Or. Charles Tilly
Ciclo 2013-2016		
Maria Celi Ramos da Cruz Scalon (coord.) PPGSA/ UFRJ PPCIS/UERJ	Sanduíche University of Warwick (IGL) IUPERJ 1993-1997 Bolsa Capes	*Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências* Or. Nelson do Valle Silva
Richard Miskolci Escudeiro (coord. adj.)*** PPGS UFSCar	Nacional PPGS USP 1997-2001 Bolsa CNPq	*Thomas Mann, o artista mestiço* Or. José Carlos Bruni
Emil Albert Sobottka	x	x

Continuação... Quadro 1 - Comissões Qualis-Capes da Sociologia (2010-2021)

Josimar Jorge Ventura de Morais	x	x
Carlos Alfredo Gadea Castro PPGS Unisinos	Sanduíche UFSC UNAM Or. Benjamín Ardit 2000-2004 Bolsa Capes	*Teorias e paisagens da pós-modernidade* Or. Ilse Scherer-Warren
Edna Maria Ramos de Castro PPGS UFPA	Estrangeiro EHESS 1979-1983 s/b?	Développement et condition ouvrière Or. Henri Desroche
Marcelo Carvalho Rosa	x	x
2		
Rosane Maria Alencar da Silva UFPE	Sanduíche Lumiére Lyon Or. Lorenza MOndada UFPE 2000-2004 Bolsa Capes	*Discurso científico e construção coletiva do saber: a dimensão interativa da atividade acadêmico-científica*. Or. Silke Weber.
Fernando Tavares Júnior PPG UFJF	Sanduíche Instituto de C Sociais/ Univ. Lisboa Or. Manuel Villaverde Cabral IUPERJ 2002-2007 Bolsa Capes	*Limites sociais da educação no Brasil.* Or. Celi Scalon
Alvaro Augusto Comin PPGS USP	Nacional PPGS USP 1998-2003 Bolsa CNPq	*Mudanças na estrutura sócio-ocupacional do mercado de trabalho em São Paulo* Or. Francisco de Oliveira
Sergio Barreira de Faria Tavolaro PPG-Sol UnB	Pleno NSSR [New School for Social Research] Or. José Casanova 1999-2005 Bolsa Capes	*Citizenship and Modernity in Early 20th century Brazil: a sociological interpretation* Or. José Casanova

Continuação... Quadro 1 - Comissões Qualis-Capes da Sociologia (2010-2021)

Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos IESP UERJ	Sanduíche EHESS Or. Daniel Cefaï IESP/IUPERJ 2009-2013 Bolsa Capes	*Enquadrando a esfera pública: a controvérsia das cotas na imprensa.* Or. João Feres Jr.
Ciclo 2017-2020		
Marcelo Rosa (coord.)	x	x
Alvaro Comin (coord.)	x	x
Wania Amelia Belchior PPG-Sociologia Política UENF (Universidade Estadural do Norte Fluminense, Campus Darcy Ribeiro)	Nacional IUPERJ Bolsa Capes 1999-2003	*Em busca da prosperidade: trabalho e empreendedorismo entre neopentecostais* Or. Luiz Antônio Machado da Silva.
Barbara Geraldo de Castro PPG-Sociologia Unicamp	Sanduíche The Open University (GB) Or. Elisabeth Silva Bolsa Capes 2009-2013	*Afogados em contratos: o impacto da flexibilização do trabalho nas trajetórias dos profissionais de TI.* Or. Angela Carneiro Araújo
Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos	x	x
Miriam Rabelo PPG-CS UFBA	Pleno University of Liverpool/Inglaterra Or. John DY. Peel Bolsa CNPq 1986-1990	*Play and struggle: dimensions of the religious experience of peasants in Nova Redenção/Bahia*.
2		
Miriam Rabelo	x	x
Ana Cristina Collares PPG-SOL UnB	Pleno University of Wiscosin-Madison (EUA) Or. Adam Gamoran Bolsa Capes 2003-2010	*Social inequality and the expansion of higher education in Brazil*

Breno Bringel IESP UERJ	Sanduíche em Unicamp (or. Maria da Gloria Gohn) 2006-2010 Bolsista da Fundación General Universidad Complutense de Madrir, FGUCM, Espanha	*Geografías de la acción colectiva: el Movimiento de los Sin Tierra de Brasil y el activismo rural transnacional (1978-2008)* Or. Heriberto Cairo Carou
Rogério Proença Leite	x	x

Fonte: Elaboração própria, a partir das informações disponíveis em Capes (2020).

* Nacional (totalmente no Brasil); E (Estrangeiro, totalmente no estrangeiro com bolsa não-Capes ou sem bolsa) Pleno (Totalmente no exterior, com bolsa da Capes ou outra); Sanduíche (Parcialmente no exterior, bolsa Capes ou outra). Informações coletadas nos respectivos currículos lattes, conforme atualização disponível em 15 de janeiro de 2025.

** Há sempre duas comissões em cada ciclo, com ligeiras alterações e manutenção da coordenação

*** Mudou para UNIFESP/Saúde Pública, mas pertencia ao PPGS/UFSCar, à época em que exerceu a vice-coordenação adjunta.

Siglas:

UnB: Universidade de Brasília

UERJ: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora

UFSCAR: Universidade Federal de São Carlos

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNICAMP: Universidade estadual de Campinas

USP: Universidade de São Paulo

PPCIS: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

PPG-PP: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas

PPGS: Programa de Pós-Graduação em Sociologia

PPGSA: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia

LSE: London School of Economics and Political Science

Recebido: 14 maio 2025.
Aceito: 25 nov. 2025.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0